

SOPYONJE / 1993

um filme de Im Kwon-taek

Realização: Im Kwon-taek / **Argumento:** Kim Myung-Gon/ **Fotografia:** Chung Il-Seong / **Música:** Kim Soo-Chul / **Montagem:** Park Soon-Duk / **Intérpretes:** Oh Jung-Hae, Kim Myung-Gon, Kim Kyu-Chul, Ahn Byung-Kyung, Choi Dung-Jun

Produção: Tae Hung Films Cº, Ltd / **Cópia:** DCP, cor, legendado eletronicamente em português: 113 minutos / Inédito comercialmente em Portugal (Primeira exibição na Cinemateca em 8 de março de 1999 no Ciclo Cinema Contemporâneo da República da Coreia).

Bem ou mal temos vindo a apontar aquilo que nos parecem ser “influências” de outras cinematografias nos filmes vindos da República da Coreia que têm passado neste ciclo. No caso de **Sopyonje** não resistimos ao mesmo tipo de “aproximações”, apesar de uma identidade muito própria que naturalmente o filme de Im Kwon-taek apresenta (resultado da experiência deste veterano realizador que desde os anos 1960 assinou mais de cem filmes). De novo são as cinematografias que lhe estão mais próximas geograficamente que mais fazem sentir-se. O Japão volta à baila (há um plano que evoca irresistivelmente o final de **Ran** de Akira Kurosawa), mas desta vez é o cinema chinês o que “responde” à encenação deste belo filme, em particular o cinema de Chen Kaige. O filme que imediatamente vem à memória do espectador durante a exibição de **Sopyonje** é **Bian Zhou Bian Chang/A Vida por Uma Corda** daquele realizador chinês. O desconhecimento do resto dos filmes de Im Kwon-taek não nos permite manter-nos neste tipo de equivalências, mas da parte de Chen Kaige (cineasta bem conhecido entre nós) é curioso verificar que mais de um filme é evocado durante a exibição deste, inclusive **Bawang Bie Ji/Adeus Minha Concubina** feito no mesmo ano de **Sopyonje**.

Sopyonje está contado numa série de flash-backs mas a sua ordem nem sempre segue a lógica temporal. Aliás só durante algum tempo da primeira parte o flash-back surge de forma assim “fora de ordem” (e é num deles que se vê o belíssimo plano da jovem cega à beira do precipício, que remete tanto para **Ran** como para **A Vida Por Uma Corda**). Quando a narrativa acompanha a vida do cantor de “Pansori” e os seus dois filhos e discípulos, entra-se numa sequência “ordenada”.

Sopyonje é um filme que procura “responder” ao desgaste e perda de valores culturais de um país num tempo em que a “globalização” parece contaminar todos e “destruir” muitas heranças culturais e tradições (o problema não é só da Coreia, sendo bem sentido também por cá, inclusive no campo do cinema). No filme em si esse

contraste é afluído brevemente, já na parte final, quando na aldeia a representação de "Pansori" é interrompida por um desfile onde uma "banda" interpreta músicas "modernas" e ocidentais. Mas toda a construção do filme, tanto na história que conta como na forma como o faz, é uma "resposta" a essa perda de valores, mesmo que estes comportem situações e comportamentos desumanos. Quando o pai provoca a cegueira da filha a fim de a "concentrar" inteiramente na aprendizagem do "Pansori", evitando as distrações da "contemplação" do mundo, está a agir de acordo com costumes antigos, como no Ocidente se fazia com os "castrati" para evitarem a mudança de voz. O realizador, porém, está consciente de que os tempos são outros. A "diferença" é exposta através de duas personagens, o rapaz e a rapariga, ele tocador de tambor, ela cantora, acompanhando o pai nos espectáculos que vão realizando de aldeia em aldeia. Os flash-backs são evocados a partir da chegada de rapaz, agora adulto, a uma dessas aldeias, em busca de uma cantora de "Pansori" cega, que sabe ser a sua irmã, e culmina no encontro de ambos. É a música que os "apresenta" e os "denuncia" um ao outro, sem necessidade de palavras, e que revela também a "impossibilidade" de se reencontrarem de outro modo. Cada um seguirá o seu caminho: ele para a cidade, ela para os campos, num percurso que repete o que sempre fizera com o pai e o irmão, acompanhada agora de uma criança que lhe serve de guia, num plano de grande beleza. Aliás, todo o filme está encenado de uma forma admirável, evocando os realizadores atrás citados, mas também o cinema clássico. Um dos grandes momentos de **Sopyonje** tem lugar quando os três são expulsos da casa que ocupavam: um longo plano sequência acompanha o seu percurso descendo a colina, e durante o tempo que decorre acompanhamos a transformação dos seus estados de espírito, do desespero à confiança, em simultâneo com a evolução de uma das suas melodias. Para o nosso olhar **Sopyonje** aparece naturalmente como um filme "exótico", mas este exotismo é da mesma ordem daquele que os filmes de Chen Kaige e outros dos seus pares nos trazem.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico